



Algumas aproximações entre literatura e psicanálise: o Livro do Desassossego de Fernando Pessoa e o conceito de Real em Jacques Lacan

Algunas aproximaciones entre literatura y psicoanálisis: El Libro del Desasosiego, de Fernando Pessoa y el concepto de Real en Jacques Lacan

Gleudson Jackson NERY¹ | Tereza Maria DUBEUX² | Joaquim Cesário de MELLO³

Resumo: Esta pesquisa tem como propósito tentar algumas aproximações entre o inacabado e inacabável Livro do Desassossego, de Fernando Pessoa, e o conceito psicanalítico de “Real”, em Jacques Lacan – o que alcança a dimensão do irrepresentável, do inapreensível, da falta, que Lacan chama de “objeto a”. O Desassossego expresso por Pessoa nos fragmentos que compõem esta obra, ao que parece, apresentou-se como um fantasma – inesgotável – como que buscando ser persistente na tentativa de ser simbolizado, e que, na linguagem literária (prosa), encontrou uma possibilidade de sublimação. Este livro foi o seu testemunho lucidíssimo de quem não escreveu uma autobiografia; pode, talvez, ser considerada uma “autobiografia sem fatos”, como assim a denominou o seu semi-heterônimo Bernardo Soares (ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa), a quem Fernando Pessoa creditou a composição deste clássico sem forma, sem ordem. Estas são marcas que a obra carrega e no meio da sua desarrumação esconde-se o mais belo e íntimo testemunho da vida interior do seu criador.

Palavras-chave: Real. Desassossego. Falta. Sublimação.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo intentar algunas aproximaciones entre el inconcluso y el inacabable “Libro del Desasosiego” de Fernando Pessoa, y el concepto psicoanalítico de “Real” en Jacques Lacan – que alcanza la dimensión de lo irrepresentable, lo incognoscible, de la falta, de lo que Lacan llamó del “objeto a”. La intranquilidad experimentada por Pessoa, patente en los fragmentos que componen este trabajo, surge como un fantasma – inagotable – como que buscando ser persistente en la tentativa de ser simbolizada, y para el cual el lenguaje literario (prosa) encontró una posibilidad de sublimación. Este libro fue su testimonio lucidísimo de quien no escribió una autobiografía, a lo mejor puede ser considerada una “autobiografía sin hechos”, como la llamó a su semiheterónimo Bernardo Soares (ayudante de guardador de libros en Lisboa), a quien Fernando Pessoa acredita la composición de este clásico sin forma, sin orden. Estas son las marcas que la obra carga y en el medio a su desorden se esconde lo más bello y lo más íntimo testimonio de la vida interior de su creador.

Palabras clave: Real. Desasosiego. Falta. Sublimación.

1 Graduando em Psicologia pela Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE. E-mail: jacksonnery@outlook.com

2 Mestra em Psicologia Clínica, Professora da Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE.

3 Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, Professor da Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE.

Introdução

A palavra “Desassossego” refere-se não apenas às perturbações existenciais do homem Fernando Pessoa, como também, de acordo com Richard Zenith (2014), às inquietações e incertezas inerentes a tudo, a uma falta de estar centrado no mundo, como o poeta percebia. Pessoa, nestas considerações, saboreou o mundo todo reduzido a fragmentos que não se constituíam num todo, e esta obra é a expressão da sua íntima e permanente experiência de inquietação e incerteza levada aos limites da exaustão. Alfredo Antunes (2012) fala desta inquietude como obsessiva e de ordem metafísica. Já Zenith (2014), organizador da edição do Livro do Desassossego utilizado nesta pesquisa, cita Fernando Pessoa, utilizando o seu semi-heterônimo Bernardo Soares: “começo porque não tenho força pra pensar; acabo porque não tenho alma para suspender: este livro é minha covardia” (Fragmento 152, p. 170, L. do D.).

O *Livro do Desassossego* (“L. do D.”, como a ele se referia Fernando Pessoa) nunca existiu como uma obra formalmente elaborada e nunca poderá existir. Fernando Pessoa “inventou” este livro para se poupar do esforço e do incômodo de organizar o que há de mais rico na sua prosa⁴. Segundo Zenith (2014), Fernando Pessoa trabalhou nesta obra por mais de 20 anos da sua vida, mas, quanto mais a preparava, mais inacabada ficava: “inacabada e inacabável” (p. 09). Esta obra – composta de fragmentos e de texto sobre texto sem nenhum significado e quase sem nexos – quem sabe, mostra-se como a tradução de uma inacabada, contínua e insistente produção inesgotável, que se encaminhou para além de qualquer literatura clássica, revelando-se como tentativa de alcançar uma dimensão irrepresentável do seu criador.

O *Livro do Desassossego* “nasceu” em 1913, com a criação do trecho “Na floresta do alheamento” – primeira prosa criativa de Pessoa, que foi assinada e identificada como “Do Livro do Desassossego, em preparação” – e se perpetuou até a morte do poeta, no ano de 1935. Em uma carta ao amigo João de Lebre e Lima, em 03/05/1914, Pessoa fala deste trecho “inaugural” da obra e diz que “há outros trechos escritos inéditos, mas que falta ainda muito para acabar; esse livro chama-se Livro do Desassossego, por causa da inquietação e incerteza que é a sua nota predominante” (ZENITH, 2014, p. 516).

O conceito de Real⁵, por sua vez, segundo Marco Antônio Coutinho Jorge (2014), é precisamente aquilo que escapa à realidade – ele não é o que comumente se chama de realidade, esta é concreta, representável, simbolizável (a realidade em si com seu caráter ontológico); ele é o que não se inscreve de modo nenhum pelo simbólico. Ele nos remete ao inassimilável, ao impossível. Jorge Forbes (2013) diz que o Real está sempre presente,

4 Richard Zenith, organizador da edição do Livro do Desassossego (2014) trabalhado nesta pesquisa, diz que, para Fernando Pessoa, seu semi-heterônimo, Bernardo Soares, chega a tentar fazer poesia. Na sua poesia é imperfeito e sem a continuidade que tem na prosa; os seus versos são o lixo da sua prosa, aparas do que escreve a valer (p. 23).

5 Para Elisabeth Roudinesco, no seu Dicionário de psicanálise (1998), o Real é um termo empregado como substantivo por Jacques Lacan, introduzido em 1953 e extraído, simultaneamente, do vocabulário da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar (p. 644, 645).

já que ele é o que não pode ter uma inscrição no simbólico, não é simbolizável, remete-nos, portanto, ao impossível; ele é a “falha da realidade”, porque, como diz Forbes, estando sempre presente, não pode ter uma representação.

O Livro do Desassossego esteve presente na vida de Fernando Pessoa, nas “ausências” da realidade vivenciadas por ele até o seu último dia de vida. Esta obra revelou uma condição humana e estranha ao seu criador, levando-o a buscar, na composição dos fragmentos, estabilidade e significação para uma falta impreenchível. “O que tenho sobretudo é cansaço, e aquele desassossego que é gêmeo do cansaço quando este não tem outra razão de ser senão o estar sendo” (Fragmento 337, p. 319, L. do D.).

Invejo – mas não sei se invejo – aqueles de quem se pode escrever uma autobiografia, ou que podem escrever a própria. Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem fatos, a minha história sem vida. São as minhas confissões, e, se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer (Fragmento 12, p. 50, L. do D.).

Algumas considerações sobre o Livro do Desassossego e o conceito de Real

O trabalho de elaboração do *Livro do Desassossego* realizado por Fernando Pessoa, de acordo com Márcia Rosa (2011), resultou em aproximadamente 500 pedaços de papel, encontrados no seu espólio (bens que alguém, morrendo, deixou), dos quais 200 encontravam-se datilografados e os outros estavam divididos entre manuscritos e até rabiscados em diversos tipos de papel. Estes fragmentos, que hoje compõem o *Livro do Desassossego*, foram reunidos pela primeira vez em uma edição “completa” pela editora Ática em 1982.

Segundo Leyla Perrone-Moisés (2001), o grande acontecimento motivador do aparecimento, a nível internacional, de Fernando Pessoa foi exatamente a reunião dos trechos desta obra e a publicação do *Livro do Desassossego* em 1982, já que, até então, só eram conhecidos apenas pedaços desconexos dele. Segundo José Paulo Cavalcanti Filho (2011), Fernando Pessoa só publicou, em vida, doze trechos em revistas literárias, e deixou outros em estado de elaboração, alguns até com título e nenhum conteúdo.

O fato de o *Livro do Desassossego* não ter se encerrado e concluído como uma obra literária clássica possibilitou ser definida, ao longo da sua construção, como “diário íntimo, confissões, impressões sem nexos, Livro do Destino, a minha história sem vida, autobiografia de quem nunca existiu, biografia de alguém que nunca teve vida” (FILHO, 2011, p. 312). Isto nos leva a fazer um mergulho nas entrelinhas das “inquietudes e incertezas” postas em palavras por Fernando Pessoa, derramadas na prosa do seu semi-heterônimo Bernardo Soares.

Em uma carta de 13/01/1935, endereçada ao amigo Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa diz que seu “semi-heterônimo aparece sempre que estou cansado ou sonolento”. Em outro trecho da mesma carta, Pessoa se refere ao livro dizendo que “de

sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio” (ZENITH, 2014, p. 518). Em *Psicanálise*, é exatamente este sujeito (sujeito do inconsciente) que emerge da falha do consciente, revelando a sua inconsistência nos equívocos e tropeços.

Nessa mesma carta, Pessoa disse que não podia considerar Bernardo Soares um semi-heterônimo autônomo. E o definiu assim: “é um semi-heterônimo, porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferentemente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade”. (ZENITH, 2014, p. 518). (Não poderíamos deduzir uma certa referência ao que conhecemos em psicanálise como sujeito do inconsciente?).

Para Zenith, ainda (2014), em Bernardo Soares – prosador que poetiza – Pessoa inventou o melhor autor possível (e que era ele mesmo mutilado). A ficção de Soares é a quase realidade de Pessoa. Sem enredos para cumprir, ou planos, os horizontes do *Livro do Desassossego* foram se alargando e os seus confins ficaram cada vez mais incertos, a sua existência, como livro, cada vez menos viável – como, aliás, a existência de Pessoa enquanto pessoa.

O complexo conceito de Real, com suas raízes, podemos assim dizer já presentes no Projeto para uma psicologia científica, de Freud, em 1895, foi também desenvolvido e formalizado em vários momentos da teorização feita por Jacques Lacan. Para Jorge (2014), na conferência intitulada *O Simbólico, O Imaginário e O Real*, pronunciada por Lacan em julho de 1953, na Sociedade Francesa de Psicanálise, a tripartição (S.I.R, registros componentes do processo de subjetivação) começa a se estabelecer como ponto crucial das suas investigações, não tendo ainda suficiente clareza na definição sobre o registro do Real. Estes registros, ou instâncias, foram objeto de estudo até o final da sua obra. O conceito de Real não se limitou a esta compreensão inicial apresentada nesta conferência. Este conceito foi sendo teorizado e atravessou várias reformulações. Desta maneira, cabe dizer que não há apenas um Real, mas, existem vários “Reais” na teoria lacaniana.

Segundo Jorge (2014), mais de vinte anos depois desta conferência inaugural de 1953, Lacan, nos anos 70, empenhou-se em fazer um “balanço” do que tinha desenvolvido sobre a tripartição (S.I.R). Até este ano tinha conferido um lugar de predominância ao simbólico. Só depois, em 1974-75, deu ênfase ao Real enquanto registro que rege e ordena a dinâmica inconsciente do sujeito. Esta primazia do Real transformou a tripartição (S.I.R) de 1953 em (R.S.I), inaugurando um marco na mudança de pensar o sujeito na psicanálise contemporânea.

Ao longo deste percurso bibliográfico, não cabe dizer que há uma superestimação da psicanálise sobre a produção literária – o contrário também é verdadeiro. O que se pretende com esta pesquisa é realizar um possível diálogo entre a psicanálise, mais precisamente, o conceito de Real em Jacques Lacan e a desassossegada produção literária de Fernando Pessoa. Então, a partir destas aproximações iniciais, pode-se afirmar que

estes dois pensadores contribuíram para nos colocar diante do cenário íntimo e Real do nosso desassossego.

O inquietante, o desassossego e o real

O desassossego pode ser pensado como uma inquietação metafísica da “alma”, aos moldes da experiência vivenciada por Bernardo Soares. O desassossego nos aflige e nos aproxima da fronteira íntima entre o nosso universo desarticulado e o que não conseguimos manifestar em palavras. Pode-se entender, então, desassossego como uma manifestação do inexprimível do ser; aquilo que não pode ser representado, racionalizado, ou que, talvez, só se pode apenas experimentar inebriado pela angústia da impossibilidade de se transmitir em linguagem uma inquietude.

Encontramos na teoria psicanalítica algumas ideias que se aproximam bastante da experiência de inquietude, do desassossego relatado na obra composta por Bernardo Soares. Sigmund Freud, no artigo de (1919) intitulado “*Unheimlich*” – que Paulo César de Souza traduziu por “*O inquietante*” –, anunciou que esta nossa dimensão desconhecida “relaciona-se ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror” (p. 329). Para Antônio Quinet (2009), o inquietante pode suscitar a angústia terrificante e atemorizante. E Fernando Pessoa, travestido do seu semi-heterônimo, Bernardo Soares, sentiu na pele e traduziu em muitos fragmentos da sua obra esta estranha inquietude. “Tudo em meu torno é o universo nu, abstrato, feito de negações noturnas. Divido-me em cansado e inquieto, e chego a tocar com a sensação do corpo um conhecimento metafísico do mistério das coisas” (Fragmento 31, p. 63, L. do D.).

Freud elaborou esse texto, o inquietante, após uma experiência tida com um sujeito estranho, que surge em sua frente, numa viagem que fazia de trem e que o inquietara. Este sujeito era a sua própria imagem refletida no espelho do compartimento em que viajava. “Sentimento de despersonalização” (MOURÃO, 2011, p. 50). Freud, então, passa a fazer uma equivalência entre o que é o inquietante para o sujeito e o que é familiar. Bernardo Soares, em seus fragmentos, pode-se dizer, está muito próximo a esta dualidade analisada por Freud, quando diz que “descobri que penso sempre, e atendo sempre, a duas coisas ao mesmo tempo. Todos, suponho, serão um pouco assim” (Fragmento 302, p. 291, L. do D.).

Para Quinet (2009), o que está no fundamento do fenômeno do inquietante, descrito por Freud em seu texto, é o que Lacan desenvolveu na sua teoria como o “objeto a”⁶, o irrepresentável.

6 Para Roudinesco (1998), o “objeto a” é um termo introduzido por Lacan, em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um resto não simbolizável. Nessas condições, ele aparece apenas como uma falha-a-ser”, ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o seio, objeto da sucção, as fezes (matéria fecal), objeto de excreção, e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo (p. 551).

O Real da teoria lacaniana, de acordo com Arlete Mourão (2011), surgiu como resultado do aprofundamento da teoria do significante⁷ levado às últimas consequências. Jaques Lacan, segundo Dulce Luna (2013, p. 52), “buscou respostas para situações em que o enquadramento do simbólico já não era suficiente”. Sendo assim, buscou outras formas de compreensão, o que significou um avanço expressivo na sua teoria. Prossiguiu na compreensão do que ele chamou de “Real”, identificando-o como sendo a expressão mais clara da falta.

O *Livro do Desassossego*, então, está ao nível da impossibilidade de alcançar a tradução completa das inquietações de Bernardo Soares, o que insistiu em se mostrar como o irrepresentável na sua prosa. Isto nos faz lembrar, sem dúvida, o conceito lacaniano de “objeto a”, portanto, o conceito de “Real”. No fragmento 225 desta obra, Bernardo Soares fala de algo que está para além da vida e da morte, o que não está no plano concreto, de uma inquietude inacessível, metafísica, onde nem ele mesmo é capaz de se salvar da condição desassossegente em que se encontra.

Ah, quem me salvará de existir? Não é a morte que quero, nem a vida: é aquela outra coisa que brilha no fundo da ânsia como um diamante possível numa cova a que se não pode descer. É todo peso e toda a mágoa deste universo real e impossível, deste céu estandarte de um exército incógnito, destes tons que vão empalidecendo pelo ar fictício, de onde o crescente imaginário da lua emerge numa brancura elétrica parada, recortado a longínquo e a insensível (Fragmento 225, p. 231, L. do D.).

Lacan, ao teorizar sobre o Real, explorou a submissão do sujeito pela linguagem (lembramos que, segundo Lacan, é a linguagem – o significante – que institui, funda o sujeito) e se deparou com o limite daquilo que pode ser dito – do impossível de dizer (dimensão do não dito – campo da linguagem) e a dimensão do não ser – campo da metafísica e da ontologia. Por sermos sujeitos simbólicos, queremos dar significado para tudo e, quase sempre, as palavras não dão conta para expressar tudo. Sendo, então, o Real o que escapa na linguagem e sobra para tentar mais uma vez ser simbolizado, compreendemos a contínua e desassossegada produção do personagem literário Bernardo Soares como uma possível forma de tentar elaborar o que não foi possível em outro instante da vida do seu criador. “Na falta de saber, escrevo” (Fragmento 87, p. 115, L. do D.).

Perrone-Moisés (2001) diz que, na terminologia lacaniana, o registro do imaginário é o discurso ilusório que vela um Real insuportável. Para Lacan, o imaginário é a tentativa de dar conteúdo ao vazio: colocar imagens num espaço, preencher uma falta com imagens. Esses dois termos nesta linguagem lacaniana ganham uma conotação fora do

7 Termo introduzido por Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), segundo Elisabeth Roudinesco (1998), no quadro de sua teoria estrutural da língua (signo linguístico). Retomado por Lacan como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica (p. 708).

habitual. “O imaginário é a inconsciência do inconsciente, o conjunto de representações que o sujeito cria para tapar o buraco originário para ocultar a sua falta-de-ser” (p. 113).

Os três registros: Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I), não podem ser pensados distintamente, separadamente, na teoria lacaniana. O que se denominou nesta teoria como o nó borromeano⁸. O Real, no entanto, é a presentificação do próprio inconsciente, aquilo que volta sempre ao mesmo lugar para tentar alcançar a dimensão do simbólico. O simbólico, por sua vez, é o trabalho efetuado sobre o imaginário, para conduzi-lo a um discurso adequado ao Real.

A criação literária é uma das maneiras de nos aproximarmos, em palavras, da experiência mais íntima daquilo que é inexprimível. O artista consegue nomear o inomeado; ele consegue dar nome àquilo que não saberíamos articular e nem verbalizar, buscando outras possibilidades criativas. O ato de criar, então, está ligado diretamente à possibilidade de dar um formato aquilo que emerge do caos, do imprevisto, do Real, ou do desassossego, como foi experimentado por Fernando Pessoa.

Para Adélia Bezerra de Meneses (2009), a poesia acolhe a ambiguidade, ela convive com o paradoxo, pondo juntos, às vezes, dois termos, duas realidades que se opõem violentamente, e dessa oposição tira uma chispa, uma faísca de revelação, dando margem para alcançar uma dimensão, para além das palavras. Bernardo Soares testemunhou esta dimensão ao dizer que “escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida” (Fragmento 116, p. 140, L. do D.).

O poeta consegue estar mais próximo do contato com os afetos da vida ou de ignorá-la. Ele pode estar mais próximo dos artifícios do inconsistente (uma maneira de olhar de “dentro” o humano). “O poeta sabe dizer, e diz com todos os recursos” (MENESES, 2009, p. 21). Sendo assim, o *Livro do Desassossego* foi uma das maneiras encontradas por Fernando Pessoa para dizer com os recursos da criação literária o que não soube expressar de suas angústias, senão pela dimensão do inacessível Real.

A fronteira entre este desassossego e este sentir inquietante encontra um “acolhimento”, um ajustamento criativo através da arte. Assim, o que havia de inexprimível, indizível, o mais íntimo – porém não dito – do sujeito Fernando Pessoa, passou a encontrar um afluente pela via da criação literária que se derramou na prosa do *Livro do Desassossego*. É possível identificar nele uma possibilidade criativa de desanuviar a angústia de sentir o que o poeta não soube nomear. “Se escrevo o que sinto é por que assim diminuo a febre de sentir. O que confesso não tem importância. Faço paisagens com o que sinto. Faço férias das sensações” (Fragmento 12, p. 50, L. do D.).

No *Livro do Desassossego* há um ciclo contínuo e insistente que parece não cessar no instante em que o caos inquietante ganha forma na linguagem poética. Esta incessante

8 Para Pierre Kaufmann, no seu Dicionário enciclopédico de psicanálise (1996), cada um – registro da tripartição (RSI) – é uma coisa fechada, flexível e que só se sustenta encadeado aos outros. Nada se sustenta sozinho. Essa topologia, em decorrência de sua inserção matemática, está ligada a relações de pura significância, ou seja, é na medida em que esses três termos são três que vemos se estabelecer, pela presença do terceiro, uma relação entre os outros dois. É isso que o nó borromeano quer dizer (p. 68).

sobra da linguagem parece ser parte do desassossego e tende a retornar no Real, repetindo gozos⁹ perdidos, que ganham espaço nos fragmentos que vão compondo a obra.

Fernando Pessoa fala desta impossibilidade de concretizar a sua obra numa carta dirigida ao amigo Armando Cortes-Rodrigues, datada de 02/07/1914:

(...) nada tenho escrito que valha a pena mandar-lhe. (...) o que principalmente tenho feito é sociologia e desassossego. Você percebe que a última palavra diz respeito ao livro do mesmo; de fato tenho elaborado várias páginas daquela produção doentia. A obra vai, pois complexamente e tortuosamente avançando (ZENITH, 2014, p. 517).

O recurso da arte, inegavelmente, abre possibilidades para derramar em palavras aquilo que é da ordem do indizível, que se aproxima do Real, daquilo que não conseguimos expressar e esbarra nos limites das elaborações simbólicas da linguagem. Pessoa, de alguma forma, tentou organizar a desordem do seu universo interior nestas confissões. Segundo Zenith (2014, p. 29), jamais outro escritor conseguiu passar, de modo tão direto e nítido, a sua alma para a folha escrita. “Tornei-me uma figura de livro, uma vida lida. O que sinto é (sem que eu queira) sentido para se escrever que se sentiu. O que eu penso está logo em palavras misturado com imagens que o desfazem (...)” (Fragmento 193, p. 194, L. do D.).

Começamos a nos aproximar – de maneira desassosseicante também – deste livro que nunca existiu enquanto tal, desta obra que foge a qualquer lógica poética e literária e mesmo que se tente uma organização exata parece não se encerrar numa única ordem cronológica e precisa. Estas características se assemelham ao conceito de “Real”; porque este não é possível ser tratado com exatidão, não tem uma ordem sistemática nem normativa, é o que não somos capazes de identificar. O Real é o próprio significante em sua materialidade (não significa nada), assim como também o desassossego de que trata o livro se materializou desordenadamente no universo simbólico da obra composta por Bernardo Soares. Jorge (2014, p. 98) diz que “a partir do Real, presentifica-se o simbólico”.

É nesta desarrumação que se encontra a beleza da obra. É por esta incapacidade de ser um livro clássico da literatura que temos, um testemunho, quem sabe, das angústias não representáveis relativas ao seu criador. “O *Livro do Desassossego* é um texto que pode aniquilar quem dele se aproxime demais. Mais do que qualquer texto de Pessoa, este é um texto de angústia, de depressão, de dilaceramento e evanescência” (PERRO-MOISÉS, 2001, p. 210).

Falar do seu desassossego, para Fernando Pessoa, foi a possibilidade criativa de pôr em linguagem seus sentimentos e percepções do mundo, suas emoções e inquietações existenciais que estavam ao nível do inapreensível. “O próprio poeta considerava o *Livro do Desassossego* como produção doentia e que tendia para escrevê-lo quando atravessava as suas crises de depressão” (ANTUNES, 2012, p. 138).

9 A definição de Pierre Kaufmann (1996) sobre o conceito de gozo é que o pertence ao gozo não é de modo algum redutível a um naturalismo, trata-se, ao contrário, do ponto em que o vivo pactua com a linguagem. O gozo é visado num esforço de reencontro, mas, pela virtude do signo, alguma outra coisa ocorre em seu lugar, um rasgo, uma marca, e nessa falha resvala o objeto sempre perdido (p. 221).

O inapreensível: do desassossego ao sintoma¹⁰

Desde a sua primeira publicação, o *Livro do Desassossego*, como já referimos anteriormente, indicava que estaríamos diante de uma obra que jamais poderia ter uma edição total, completa ou definitiva. A saber, esta obra não teve um fim propriamente, foi um projeto sempre por fazer, pois o seu criador, até antes de sua morte, ainda continuava assinando os escritos como sendo de autoria do *Livro do Desassossego*, composto por Bernardo Soares.

Por que escrevo então? Porque, pregador que sou da renúncia, não aprendi ainda a executá-la plenamente. Não aprendi a abdicar da tendência para o verso e a prosa. Tenho de escrever como cumprindo um castigo. E o maior castigo é o de saber que o que escrevo resulta inteiramente fútil, falhado e incerto (Fragmento 231, p. 234, L. do D.).

Contudo, nota-se que a obra fragmentada, inquietante e nunca realizada de Fernando Pessoa, revela-nos como a escrita do que há de mais íntimo nas suas reflexões e como o que insistentemente se apresentava na sua vida foi tomando dimensões inesperadas. “Pessoa percebeu que este projeto tinha escapado de suas mãos; como se andasse pela sua própria vontade” (ZENITH, 2014, p. 15). Cabe questionar se Fernando Pessoa em algum momento desejou pôr fim neste desassossego e, quiçá, conseguiu identificá-lo, a ponto de dar um desfecho. “Mas, não há sossego – ah, nem o haverá nunca! – no fundo do meu coração, (...). Não há sossego – e, ai de mim!, nem sequer há desejo de o ter” (Fragmento 41, p. 73, L. do D.).

Este livro é, talvez, utilizando-me das palavras de Antunes (2012), o testemunho “insincero” da fronteira entre o homem e o poeta Fernando Pessoa. Nas palavras do mesmo autor, o que importa a esta compreensão é captar pequenos indícios que escaparam ao disfarce consciente ou inconsciente, que revelam uma correspondência entre a vida e a poesia.

Em muitos fragmentos do livro encontramos características que chegam a confundir Pessoa e Soares, criador e criatura. O fragmento 299 do livro composto por Bernardo Soares diz: “criei em mim várias personalidades. Crio personalidades constantemente. Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não”. Bernardo Soares ou Fernando Pessoa, quem nos fala neste momento? É como se nesta troca de personagens que passam a sonhar o mesmo sonho dele, sem ser ele, pudéssemos perceber o dinamismo de uma eterna busca

10 Numa nota de rodapé do seu livro *Uma aventura no território da falta* (2011), Arlete Mourão nos diz que o sintoma foi um termo forjado por Lacan a partir de um jogo de palavras entre fantôme (fantasma) e symphome (expressão arcaica de fantasma) (p. 124). Já Márcia Rosa, em seu livro *Fernando Pessoa e Jacques Lacan: constelações, letra e livro*, compreende que o sintoma é uma modalidade de atar os diferentes registros da realidade psíquica: Real, Simbólico e Imaginário (R.S.I). Conforme Lacan, eles podem estar desligados entre si, e o sintoma só é identificável como tal quando ele e os três anéis conseguem se atar em um nó a quatro, que aperta um vazio central denominado objeto a (p. 208).

de um sentido que não se deixa amarrar num único significante. É como um constante escorregar por cima do “Real”.

Em mais outra passagem do trecho citado acima, encontramos um testemunho desta “fusão” entre Pessoa e Soares: “para criar, destruí-me; tanto me exteriorizei dentro de mim, que dentro de mim não existo senão exteriormente. Sou a cena nua onde passam vários atores representando várias peças”. Filho (2011, p. 310) diz que “Bernardo, no coração, é mesmo Fernando”.

Este artifício de se despersonalizar tão relevante na obra literária do insincero Fernando Pessoa funcionou como uma espécie de sublimação¹¹ no sentido estrito do conceito psicanalítico freudiano. Antunes (2012) diz que, para Fernando Pessoa, o poeta para ser autêntico, tem que ser dotado de verdadeira capacidade de despersonalização. E em outra passagem, o mesmo autor ainda cita que “nunca se é totalmente insincero em arte, sob pena de se perder no mundo da linguagem” (p. 137).

E assim, em imagens sucessivas em que me descrevo – não sem verdade, mas com mentiras –, vou ficando mais nas imagens do que em mim, dizendo-me até não ser, escrevendo com a alma como tinta, útil para mais nada do que para se escrever com ela (Fragmento 193, p. 204, L. do D.).

Podemos perceber, aqui, no trecho acima citado, uma espécie de desespero na tentativa de encontrar o sossego que lhe produziria poder simbolizar este Real que, nele, não cessa de não querer funcionar no preenchimento desta falta inaugural da sua subjetividade.

Esta característica fugidia, como um ato sublimatório, encontra-se presente, nos relatos de Fernando Pessoa, ao se referir à sua obra em outra carta ao amigo Armando Cortes-Rodrigues, datada de 19/11/1914, onde o poeta diz: “o meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassossego*. Mas, tudo em fragmentos, fragmentos, fragmentos” (ZENITH, 2014, p. 517). Fragmentos estes que parecem, inutilmente, tentar preencher uma falta estruturante no sujeito Fernando Pessoa, travestido no seu semi-heterônimo Bernardo Soares. E Pessoa nomeou a sua falta, finitude e limite diante das suas inquietações existenciais como um desassossego crescente e repetitivo.

Para Luna (2013), uma expressão do movimento de sublimação é a condição de lidar com a ausência de um objeto ideal, onde o sujeito busca se satisfazer com objetos parciais, objetos possíveis. Esta incessante tentativa de satisfação permanece irremediável, como perda de um prazer a ser recuperado, e esta busca revela a maneira de gozar do sujeito. Segundo Mourão (2011), para Lacan, a noção de gozo se liga àquilo que repararia

11 O “Vocabulário de psicanálise” de Laplanche e Pontalis traz a compreensão de sublimação como um processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo alvo não sexual ou em que visa objetos socialmente valorizados (p. 638).

uma perda, a busca de algo para sempre perdido. A mesma autora ainda nos diz que o sujeito é convocado a resolver sua falta pela via da palavra, da busca de sentido para o seu ser, na atividade própria do simbólico na chamada lógica do significante.

Ainda de acordo com Luna (2013), a sublimação é algo que advém da experiência de castração (castração simbólica), e que estabelece, na falta, a relação com seu objeto. “Minha proposição é de que a sublimação, um movimento pulsional, contempla o Real (...)” (p. 52). Este movimento permanente em direção ao Real não cobre a falta, mas, ao contrário, indica que há um vazio. Vazio este que aponta para a direção do inapreensível, do “objeto a”, como foi pensado na teoria lacaniana.

O objeto a “tem a função de fixar o sujeito em algum significante do Outro¹², compondo uma significação, pois, caso contrário, ele deslizaria infinitamente” (MOURÃO, 2011, p. 122). Assim também podemos entender o *Livro do Desassossego* como um ponto de fixação de Fernando Pessoa no seu Outro. Por outro lado, esta obra através de seus fragmentos, teve função de realizar um corte no deslizamento significativo das inquietações existenciais de Fernando Pessoa. “O objeto a é um corte nesse deslizamento infinito” (op. cit.).

O conceito de “objeto a” se coloca para alguém e além de qualquer demanda. “Ele não tem outra consistência senão a de ser falta, ser contorno da falta resultante das operações lógicas que o sujeito foi fazendo no seu confronto com a castração” (MOURÃO, 2011, p. 123). Na dimensão literária do *Livro do Desassossego*, este confronto com a falta, quem sabe, levou Fernando Pessoa a fingir, esquivar-se e sublimar o seu desassossego:

A Arte é um esquivar-se a agir, ou a viver. A arte é a expressão intelectual da emoção, distinta da vida, que é a expressão volitiva da emoção. O que não temos, ou não ousamos, ou não conseguimos, podemos possuí-lo em sonho, e é com esse sonho que fazemos arte. Outras vezes a emoção é a tal ponto forte que, embora reduzida à ação, a que se reduziu, não a satisfaz; com a emoção que sobra, que ficou inexpressa na vida, se forma a obra de arte. Assim, há dois tipos de artista: o que exprime o que não tem e o que exprime o que sobrou do que teve (Fragmento 230, p. 234, L. do D).

Ainda de acordo com Mourão (2011), ao reconhecer os limites da palavra, na compreensão do complexo processo de subjetivação (a palavra não dá conta de tudo aquilo que compõe o sujeito). Lacan passou a dar relevância à dimensão do Real – daquilo que é impossível de ser apreendido na totalidade no campo da palavra – e às marcas anteriores a qualquer inscrição psíquica. Fernando Pessoa, ao não conseguir dar conta, apenas em palavras, do que o inquietava, criou o seu semi-heterônimo em um registro para fora

12 Para Marco Antônio Coutinho Jorge, na sua obra intitulada Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan (2014), a noção de Outro é o lugar do significante, é o registro do simbólico, que Lacan denomina de Outro na medida mesma em que o campo dos significantes é faltoso, é incompleto e nele há sempre a possibilidade de introduzir, por meio de um ato criativo, um novo significante. Não é outra coisa o que faz o poeta e é o que confere a ele sua suma importância, pois não é outra a sua inspiração (p. 92).

dele, para além dos limites da linguagem, como uma tentativa de encontrar uma saída para lidar com o resto¹³ dos fenômenos desassossegados que o acometiam.

Fernando Pessoa, despersonalizando-se, tentou dar sentido ao seu desassossego através das palavras de Bernardo Soares. Mesmo dotado deste artifício, esta inquietação não cessou de não se inscrever no seu universo simbólico e os fragmentos foram avançando desordenadamente e sem planos. Isto se assemelha à dinâmica do Real que resiste à simbolização, expõe os nossos limites, revelando a impossibilidade de se esgotar.

O *Livro do Desassossego* desvela esta dimensão impossível de ser internalizada, simbolizada e/ou elaborada pelo seu criador. Para Rosa (2011), os fragmentos do seu inacabável e interminável L. do D. conservam uma espécie de mobilidade e fluidez permanentes – marcas características desta obra –, que acabam fazendo parte do seu encanto, da “mágica” criação de Pessoa.

A arte consiste em fazer os outros sentir o que nós sentimos, em libertá-los deles mesmos, propondo-lhes a nossa personalidade para especial libertação. O que sinto, na verdadeira substância com que o sinto, é absolutamente incomunicável; e quanto mais profundamente sinto, tanto mais incomunicável é (Fragmento 260, p. 260, L. do D).

O Real possibilita a criação porque não se inscreve, não se representa, não se concretiza – assume o lugar do imprevisto (do objeto a), por não ser possível de apreender e nem se esgotar. O Real é o “nada” do qual, paradoxalmente, pode surgir qualquer coisa. O *Livro do Desassossego*, por sua vez, não se esgotou nas palavras do seu criador, tomou forma, adequou-se ao momento do poeta, expressando o seu sintoma e o seu sinthoma. É a este sinthoma que, “a leitura psicanalítica contemporânea tem denominado poético, o poético pulsional” (ROSA, 2011, p. 210). Mourão (2011) nos diz que “O sinthoma é a dimensão Real dos sintomas” (p. 125).

O *Livro do Desassossego* foi, talvez, o sintoma (o inanalísável, o estranho), assim como o sinthoma (sua marca pessoal) de Fernando Pessoa. Revelou a dimensão angustiante, inquietante, da qual o poeta não conseguiu se apropriar concretamente em palavras. Como também, possibilitou uma saída criativa viabilizando uma maneira de confrontar sua falta fundante e suas inquietações através do seu semi-heterônimo. Esta obra poderia ser então considerada o sinthoma de Pessoa, pois, foi capaz de produzir uma identificação com o seu desassossego, tornando-o algo criativo.

Para Mourão (2011), Lacan diz que diante da constatação da sua falta, cria-se para o sujeito a possibilidade ou a necessidade de ter que inventar um saber próprio para

13 A contribuição que nos traz Mourão (2011) para compreendermos essa formalização lacaniana é que ele se utilizou, particularmente, do lógico matemático Wittgenstein, extraindo de suas teses a noção de resto, categoria do inefável ou indizível, tanto no sentido ético, quanto estético. Aplicando essa noção ao limite daquilo que pode ser dito, Lacan ilustrou o objeto a como esse resto, produto da operação da linguagem, operação significante, da qual o sujeito é efeito (p. 123, 124).

a sua falta de sentido, de sossego. Isto significa, para Fernando Pessoa, saber fazer outra coisa com o seu sintoma. Uma espécie de transformação do vazio em nada, um estilo da ordem do não ser e do não saber. Ou seja, metamorfoseando o seu sintoma em sinthoma.

Fernando Pessoa, diante do caos do seu desassossego, contornou seu ponto de falta, o “objeto a”, mostrando, desta maneira, a impossibilidade de finalizar o livro, ou seja, de alcançar o inatingível Real. Este livro, quem sabe, foi o testemunho, a covardia do fingir de Fernando Pessoa diante da incapacidade de lidar com esta falta, com esta dimensão inexata que não cessou de não se inscrever em sua vida. O *Livro do Desassossego* permanecerá incompreensível, inalcançável e impensável como obra literária clássica, uma “autobiografia de quem nunca existiu”, como o próprio Bernardo Soares a definiu. O desassossego experienciado por Pessoa se mostrou como uma espécie de exterioridade íntima capaz de seguir, sem ordem ou enredo, confrontando uma interioridade impossível de ser apreendida pela insinceridade poética que revela a sinceridade na vida.

Para não concluir

Aqui, até então, ficaram explícitas, em parte, ao menos, as inquietações, as dúvidas e as incertezas relativas a esta “autobiografia sem fatos”. Diante das infinitas possibilidades de leitura e organização desta obra, oferece-se a liberdade, também desassossegada, para os leitores e pesquisadores, de esbarrar em um estilo fragmentado e irrealizável – marcas deste livro – e sem cronologia. Uma possível arrumação, já que arrumação definitiva não há, possibilitando ajustes e maneiras de inventar a sua própria ordem para embarcar nesta leitura fora de ordem, neste labirinto indecifrável que se perpetuou na obra de Fernando Pessoa. Como também, Fernando Pessoa não deixou de se mostrar “infinito”, na capacidade de ser aquilo que não é, despersonalizando-se para tentar dar conta do irrepresentável.

A desordem e inconsistência desta obra nos permitiu aproximá-la do conceito psicanalítico de Real, justamente pela sua incapacidade de preencher a falta fundante e irrepresentável. Cabe então pensarmos que esta obra inexistente e inacessível abre passagem para futuras inquietações – ou desassossegos – que instiguem novas buscas e aproximações neste universo incerto e desconcertante vivido por Fernando Pessoa, derramado em prosa no seu semi-heterônimo, e que se traduziu em uma obra inesperada e impossível, capaz de nos levar ao prazer de estarmos diante da nossa incapacidade de completude como sujeitos, bastando, assim, sentirmos e experimentarmos a falta que nos cabe diante do nosso próprio desassossego.

Referências

- ANTUNES, Alfredo. **Saudade e profetismo em Fernando Pessoa**. 2. ed. Recife: Gabinete Português de Literatura de Pernambuco, 2012.
- FILHO, José P. C. **Fernando Pessoa: uma quase autobiografia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- FORBES, Jorge. **Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI**. São Paulo: Manole, 2013.
- FREUD, Sigmund. O inquietante. In: **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14.
- JORGE, Marco A. C. **Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 8. ed. São Paulo: Martins fontes, 1985.
- KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- LUNA, Dulce. Sublimação e fim de análise. In: **Psicanálise: impasses e saídas**. Recife: CEPE, 2013.
- MENESES, A. B. A palavra poética: experiência fomante. In: PASSOS, Cleuza R. P.; ROSENBAUM, Yudith. (Orgs.) **Escritas do desejo: crítica literária e psicanálise**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- MOURÃO, Arlete. **Uma aventura no território da falta**. Rio de Janeiro: Ed. Companhia de Freud, 2011.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa: aquém do eu, além do outro**. 3. ed. São Paulo: Martins fontes, 2001.
- PESSOA, Fernando. **O livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- QUINET, Antônio. **A estranheza da psicanálise: a escola de Lacan e seus analistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ROSA, Márcia. **Fernando Pessoa e Jacques Lacan: constelações, letra e livro**. Belo Horizonte: Scriptorum, 2011.
- ROUDINESCO, Elisabeth, PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Recebido em: 10.11.2015

Aprovado em: 18.11.2015

Para referenciar este texto:

NERY, G. J.; DUBEUX, T. M.; MELLO, J. C. Algumas aproximações entre literatura e psicanálise: o Livro do Desassossego de Fernando Pessoa e o conceito de Real em Jacques Lacan. **Lumen**, Recife, v. 24, n. 2, p. 113-126, jul./dez.2015.